

## A organização retórica de um artigo de opinião sob o enfoque funcionalista

*Gessélda Somavilla Farencena*  
Universidade Federal de Santa Maria

**Abstract:** This paper aims to analyze the argumentative rhetoric organizing an opinion article and its linguistic realization from the application of analysis categories of the Rhetoric Structure Theory - RST (Mann; Thompson, 1985; Taboada; Mann, 2006), the Systemic Functional Grammar (Halliday; Matthiessen, 2004, 2014) and the Appraisal System (Martin; White, 2005). The macro-structural organization is constituted by the Block I, the title, which functions as Block II' satellite, corresponding to the core. Block II is made up of portions 02 to 04, wherein the portion equivalent to 02 Claim; the portion 03, the Evidence; the portion 04, the Appeal.

**Keywords:** rhetoric organization, argumentation, language achievement, opinion article.

**Palavras-chave:** organização retórica, argumentação, realização linguística, artigo de opinião.

### Introdução

Este trabalho apresenta uma análise piloto empreendida como parte da pesquisa de Doutorado que se encontra em andamento. Neste recorte específico, o objetivo é analisar, semântico e léxico-gramaticalmente, a organização retórica argumentativa de um exemplar do gênero artigo de opinião com base na Teoria da Estrutura Retórica (RST).

Os textos argumentativos, conforme reportam Halliday e Matthiessen (2014), apresentam uma organização característica, sendo a estrutura *Motivação + Apelo* o que seria o esquema geral de organização retórica dos textos persuasivos. A parte correspondente à Motivação é constituída por duas outras partes: a correspondente à Asserção/Tese, em que há a apresentação da Tese, e à relativa às Evidências, em que há a apresentação dos argumentos que sustentam/defendem a tese. Essa estrutura retórica pode ser analisada em termos de macroestrutura, observando os blocos de



informação e as porções de texto que constituem o todo, e em termos de microestrutura, dividindo o texto em unidades de informação (UIs) e observando as relações retóricas que se estabelecem entre elas.

Para empreender essa análise nos níveis macro e microestruturais, são levadas em consideração, além de categorias analíticas específicas da Teoria da Estrutura Retórica – RST (Mann; Thompson, 1985; Taboada; Mann, 2006), algumas categorias das três metafunções propostas por Halliday e Matthiessen (2004; 2014) e do sistema de Avaliatividade teorizado por Martin e White (2005).

Orientado nessa direção e embasado teoricamente na Linguística Sistêmico-Funcional de base hallidayana, este trabalho constitui-se, na primeira seção, por uma breve revisão teórica sobre a RST. Em seguida, a exposição é direcionada à abordagem das categorias léxico-gramaticais e semântico-discursivas adotadas para subsidiar a análise da Estrutura Retórica. Na sequência, as orientações metodológicas relativas ao *corpus* e às etapas analíticas são apresentadas na seção 3. Na seção 4, subdividida em duas subseções, são apresentadas as análises relativas à macroestrutura (seção 4.1) e à microestrutura (seção 4.2). Por fim, são apresentadas as considerações finais acerca desses dados, considerados os dados semânticos, léxico-gramaticais e semântico-discursivos.

## 1. Considerações sobre a Teoria da Estrutura Retórica (RST)

Ao teorizarem sobre a coesão textual, Halliday e Matthiessen (2014) comentam que a organização e coesão textual podem ser locais, entre grupos, orações e complexos oracionais, ou globais, entre partes maiores de texto. Por ter tendência a ser mais flexível, explicam os autores, se considerada do ponto de vista do contexto, a organização global é sujeita a uma orientação mais contextual na forma de estrutura genérica. Desse modo, gramática e contexto se complementam em suas contribuições para a organização semântica do texto.

Essa organização semântica, interna e bastante global, acrescentam Halliday e Matthiessen (2014), com base em Mann e Thompson (1985), é típica de textos persuasivos, em que a organização segue o esquema geral de textos pertencentes a essa modalidade, no qual a unidade chave é uma proposta constituída retoricamente por/como: Motivação [Asserção ^



Evidência] ^ Apelo. Essa organização esquemática, por sua vez, é contextual, projetada sobre o texto a partir do contexto de persuasão em que atua (Halliday; Matthiessen, 2014).

Sobre esse esquema retórico, Mann e Thompson (1985) explicam que, em um nível mais geral, ou seja, no nível macroestrutural, um texto argumentativo como um todo funciona para atender a um propósito – a uma Motivação –, que pode não ser apenas a defesa da tese, mas também a realização de um pedido – o Apelo. O Apelo, por seu turno, nem sempre é igual a tese – a Asserção. Muitas vezes, a Asserção/Tese e os argumentos – a(s) Evidência(s) –, em conjunto, servem efetivamente como Motivação, como justificativa, para o Apelo.

Constituído macroestruturalmente, o texto está organizado semanticamente como um complexo de relações retóricas (Halliday; Matthiessen, 2014). Essas relações retóricas, segundo Taboada e Mann (2006), são estabelecidas entre as partes do texto que, em um nível mais local e específico, ou seja, no nível microestrutural, são constituídas por unidades de informação – as UIs.

Conforme Mann e Thompson (1985), as UIs são mais ou menos equivalentes às orações, exceto quando a oração for encaixada ou complementar, isto é, em um complexo hipotático, for a dependente. Assim, a regra usual de divisão, esclarecem Taboada e Mann (2006), é de que cada oração independente, juntamente com todas as suas dependências, de qualquer tipo, constitui uma UI. Em alguns casos, ainda, as UIs podem corresponder a unidades inferiores a uma oração, denominadas por Halliday e Matthiessen (2004; 2014) como orações menores, ou as análises podem ser, em um nível mais detalhado, intraoracionais.

Entre as UIs, podem se estabelecer relações retóricas, relações lógico-semânticas e gramaticais. Essas relações podem ser estabelecidas por meio de marcadores discursivos (KOCH, 2004) ou não, dando origem, nesse caso, a proposições relacionais, ou seja, informações e/ou relações implícitas, não expressas linguisticamente (Taboada; Mann, 2006). As relações retóricas mapeadas, segundo Mann e Thompson (1988), somam mais de vinte, dentre as quais podem ser citadas as de lista, alternativa, antítese, avaliação, circunstância, elaboração, evidência, motivo, resumo, solução, soma e propósito. Tais proposições podem ser estabelecidas/verificadas por meio de elementos léxico-gramaticais e semânticos presentes que, considerado o cotexto (Halliday; Matthiessen, 2004) ou o todo do texto, instituem determinada relação de sentido.



Para identificar e analisar esses elementos e as relações de sentido entre as partes do texto, que permitem a identificação de sua estrutura retórica, são utilizadas, neste trabalho, categorias do complexo oracional, das funções de fala e dos sistemas de transitividade, de modalidade e polaridade, da GSF de Halliday e Matthiessen (2004; 2014), e, ainda, do sistema de avaliatividade, de Martin e White (2005), brevemente apresentadas na seção seguinte.

## **2. Categorias léxico-gramaticais e semântico-discursivas**

Na GSF hallidayana, correspondente a cada metafunção da linguagem, há uma componente do contexto de situação, constituído por campo, relações e modo (Halliday, 1989). Por conseguinte, essas três variáveis determinam como os significados serão construídos, à medida que cada uma se relaciona, respectivamente, a uma das três metafunções básicas da linguagem definidas por Halliday e Matthiessen (2004): ideacional, interpessoal e textual.

Correspondente a cada componente funcional, há uma representação estrutural (Webster, 2009). Nesse sentido, cada uma das metafunções, de acordo com suas características e objetivos, engloba um dos três sistemas léxico-gramaticais que constituem a Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday, 1985; 1994; Halliday; Matthiessen, 2004; 2014).

A metafunção ideacional na variante experiencial, ligada ao uso da língua como representação, manifestação de experiências do/no mundo, realiza-se, conforme Halliday e Matthiessen (2004), na léxico-gramática, pelo sistema de transitividade, o qual fornece subsídios necessários para a identificação, classificação e análise das orações em textos.

A oração, no sistema de transitividade, constitui-se de três componentes: processo, participante e circunstância (Halliday; Matthiessen, 2004). Cada um desses componentes, na concepção de Halliday e Matthiessen (2004), são categorias semânticas que explicam, de forma mais geral, como os fenômenos da experiência de mundo são interpretados como estruturas linguísticas. Dessa forma, esses componentes são organizados em configurações que fornecem os modelos ou esquemas para interpretar a experiência em relação ao que se passa no mundo físico e psíquico (Halliday; Matthiessen, 2004). Dentre as três categorias, os processos são nucleares e classificam-se em seis tipos (material, comportamental, mental, existencial, relacional e verbal). Cada tipo, por sua vez, determina a existência de participantes específicos, conforme



Na variante experiencial lógica da linguagem, por seu turno, o nível de análise não é o da oração, mas o acima dela. Conforme Halliday e Matthiessen (2004), no uso real da linguagem, as orações podem se ligar umas às outras formando complexos oracionais. Em virtude disso, uma sentença pode ser interpretada como um complexo oracional constituído por um núcleo oracional e pelas demais orações que modificam esse núcleo (Halliday, 1994). Essa relação entre Núcleo e Modificador, explica o autor, é semelhante à existente nos grupos e sintagmas; o que as diferencia, porém, é o fato de que estes se desenvolvem pela expansão no interior da oração, sem constituir uma nova, por isso correspondem ao nível ‘abaixo da oração’, ao passo que os complexos oracionais desenvolvem-se externamente à oração, constituindo novas orações, correspondendo, assim, ao nível ‘acima da oração’.

Nesse nível, explorando o fenômeno do complexo oracional sob o ponto de vista da forma como o fluxo de eventos é interpretado no desenvolvimento do texto, no nível da semântica, segundo Halliday e Matthiessen (2004), verificam-se dois sistemas basilares que determinam como as orações relacionam-se entre si: o sistema de taxis, que diz respeito aos dois graus de interdependência que pode existir entre as orações (parataxe e hipotaxe) e o sistema lógico-semântico, que corresponde às relações que podem ocorrer entre um elemento primário e um secundário de um nexos oracional, ou seja, de um par de orações.

No sistema de taxa, a parataxe é representada por numerais cardinais, e a hipotaxe por letras do alfabeto grego. No sistema lógico-semântico, a projeção pode ser de locução ou de ideia, já a expansão pode ser por elaboração, extensão e intensificação.

Além das relações táticas que se dão entre orações, Halliday e Matthiessen (2004) apontam a existência de um mecanismo semogênico, denominado encaixamento, representado pela notação  $[[ \ ]]$ , por meio do qual uma oração ou sintagma passa a funcionar como um constituinte dentro da estrutura de um grupo, que, por sua vez, já é um constituinte de uma oração.

A segunda metafunção da linguagem definida pela GSF hallidayana, a interpessoal, por sua vez, é responsável por permitir o estabelecimento de relações entre os indivíduos. Léxico-gramaticalmente, realiza-se pelos sistemas de MODO, modalidade e polaridade. A polaridade, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), envolve a oposição positivo/negativo. Tipicamente, a



polaridade positiva é não-marcada, enquanto que a polaridade negativa é marcada, realizada por um elemento adicional localizado próximo ao verbo. Entre os polos positivo e negativo, situa-se a modalidade, que se constrói na região da incerteza e manifesta graus de probabilidade e obrigatoriedade.

A modalidade também está relacionada às funções de fala – oferta, comando, declaração e pergunta – e aos valores trocados na interação – informação ou bens-e-serviços (Halliday; Matthiessen, 2004). Durante a interação, no ato de fala, o falante (ou escritor) adota para si mesmo um papel de fala particular e, por conseguinte, atribui ao ouvinte (ou leitor) um papel complementar, o qual espera ser aceito. Dessa relação dialógica, têm origem os dois tipos fundamentais de papéis de fala: dar (*giving*) e solicitar (*demanding*). Em torno desses dois papéis, esclarecem Halliday e Matthiessen (2004), há duas noções envolvidas, em que dar significa “convidar a receber” e pedir significa “convidar a dar”. Em outras palavras, uma interação é uma troca em que dar implica em receber e pedir implica em dar em resposta.

Em virtude disso, na metafunção interpessoal a oração é tida como troca, em que há dois produtos (ou valores) possíveis de serem trocados: bens-e-serviços e informações. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), temos uma troca de bens-e-serviços quando o produto trocado for não-verbal, ou seja, o que é solicitado é um objeto ou uma ação e a linguagem é apenas auxiliar no processo. A troca de informações, ao contrário, ocorre quando a linguagem é, ao mesmo tempo, o meio utilizado e o fim esperado, ou seja, não há outra resposta possível a não ser a verbal.

Essas duas variáveis de troca tomadas juntamente aos dois papéis fundamentais de fala determinam as quatro funções primárias da fala: oferta, comando, declaração e pergunta. Dessa forma, acrescentam Halliday e Matthiessen (2004), quando a linguagem é usada para troca de bens-e-serviços nas funções de oferta (dar bens-e-serviços) e ordem (pedir bens-e-serviços) a oração se configura como proposta, não podendo ser refutada ou discutida pelo ouvinte (leitor). Quando a linguagem é usada para troca de informações nas funções de declaração (dar informação) e pergunta (pedir informação), a oração toma a forma de uma proposição, que pode ser aceita ou contestada, discutida pelo ouvinte (leitor). Diante disso, retomando a questão da



modalidade, nas proposições, teremos a ocorrência de modalização, ao passo que nas propostas teremos a modulação.

De certa forma, a modalidade relaciona-se ainda ao sistema de avaliatividade, visto que serviu, junto com a polaridade, como ponto de partida para a teorização de Martin e White (2005). Com seu foco nos significados interpessoais da linguagem, de acordo com White (2004, p. 177), a avaliatividade interessa-se pelas funções sociais dos recursos linguísticos utilizados por falantes/escritores “como meios que permitem que os indivíduos adotem posições de valor determinadas socialmente, e assim se filiem, ou se distanciem, das comunidades de interesse associadas ao contexto comunicacional em questão”.

Além disso, voltada a avaliações subordinadas a valores sociais e morais, a julgamentos e manifestações subjetivas de afeto, a avaliatividade preocupa-se com a presença subjetiva de escritores/falantes em textos, como eles se posicionam em relação a si mesmos, ao que apresentam e em relação aos outros – como aprovam ou desaprovam, admiram ou abominam, aplaudem ou criticam e como constroem seus ouvintes/leitores (Martin; White, 2005). Dedicase, ainda, segundo Martin e White (2005), a como os textos são construídos, aos mecanismos linguísticos utilizados para compartilhar sentimentos, valores, emoções, gostos e avaliações e a como escritores/falantes constroem sua identidade ou persona autoral e também sua audiência intencional ou ideal.

Nesse sentido, Martin e White (2005) dividem o sistema de avaliatividade em três subsistemas que se relacionam com essas questões e contribuem para verificá-las linguisticamente: atitude, engajamento e gradação que, por sua vez, subdividem-se em categorias semânticas, tipos e subtipos.

O engajamento, em conformidade com Martin e White (2005), refere-se aos recursos linguísticos usados pelos autores para adotar uma postura em relação às posições de valor que estão sendo referenciadas pelo texto. Desse subsistema, utilizamo-nos nesta pesquisa da distinção entre voz autoral – a voz do produtor do texto –, e voz não autoral – vozes de outrem que são trazidas ao texto pela voz autoral para diferenciarmos a voz do articulista das demais vozes trazidas aos artigos de opinião analisados.



O subsistema de atitude, explica White (2004), relaciona-se às várias possibilidades que escritores/falantes utilizam para fazer diferentes avaliações, positivas ou negativas. É composto por três categorias semânticas: afeto, julgamento e apreciação. O afeto liga-se às questões emocionais, tanto do sujeito quanto de terceiros. O julgamento é o campo de significados por meio dos quais se constroem posições de aprovação ou condenação do comportamento humano. Relacionam-se diretamente às avaliações morais acerca do comportamento humano feitas com base em um sistema específico de aceitabilidade e de normas sociais. Por fim, a apreciação corresponde ao campo dos significados utilizados para atribuir valores positivos ou negativos acerca de pessoas, animais, fenômenos e produtos do trabalho humano.

Essas categorias, tanto da GSF quanto da avaliatividade, brevemente revisadas aqui nos auxiliam a identificar, principalmente, as evidências linguísticas empregadas pelo articulista para expor sua opinião, sustentá-la e buscar seu objetivo de convencer e/ou mobilizar seu leitor. Essas categorias, juntamente com aquelas propostas pela RST, são observadas e levadas em consideração ao longo das análises, tal como explicitamos na próxima seção.

### 3. Metodologia

Para realizar a análise da Estrutura Retórica de um artigo de opinião, sob o ponto de vista da RST, o *corpus* selecionado se constitui de um texto do articulista Luciano Martins Costa, publicado em 18/05/2010. Intitulado *Fogo na floresta*, o artigo de opinião ora analisado integra igualmente o *corpus* da pesquisa de Tese de Doutorado, do qual este trabalho constitui um recorte. A escolha desse exemplar justifica-se por ser cronologicamente o primeiro publicado no *site* do Observatório da Imprensa, sobre a temática da proposta de reformulação do Código Florestal Brasileiro<sup>1</sup> de 1965, vigente até 2012, e a criação do que se denominou Novo Código Florestal Brasileiro. “Entidade civil, não governamental, não corporativa e não partidária que pretende acompanhar, junto com outras organizações da sociedade civil, o desempenho da mídia brasileira”, o Observatório da Imprensa é uma entidade de credibilidade consolidada no contexto

---

<sup>1</sup> Principal documento regulador da legislação ambiental brasileira, O Código Florestal, conforme Lázaro da Silva (2012), representa um conjunto de leis que regulamenta o uso da terra.





jornalístico brasileiro e pioneiro do *media criticism* nacional, com quase vinte anos de experiência (Vasconcelos, 2005), razões pelas quais foi definido como fonte de coleta.

Uma vez definido o texto para análise, traçou-se o percurso metodológico, qual seja:

1. Identificação da estrutura retórica do texto a partir da organização argumentativa geral *Motivação [Asserção ^ Evidência] ^ Apelo*;
2. Identificação dos blocos de informação, das porções de texto que constituem a macroestrutura do texto e das relações retóricas que se estabelecem entre eles;
3. Identificação das unidades de informação (UIs) que constituem a microestrutura do texto e das relações retóricas que se estabelecem entre elas;
4. Verificação das relações táticas, lógico-semânticas e de encaixamento presentes no encadeamento das orações constituintes dos complexos oracionais que integram as UIs;
5. Verificação, no nível da oração, de recursos léxico-gramaticais e semântico-discursivos presentes nas UIs que contribuem para a organização do texto e para a expressão do posicionamento do articulista;
6. Sistematização da realização linguística da organização retórica do artigo de opinião analisado.

#### **4. Análise da Estrutura Retórica**

Nesta seção, são apresentados e discutidos os resultados obtidos com a descrição semântica do texto, observando as partes que o compõem e as relações retóricas que se estabelecem entre elas, auxiliada pelas descrições léxico-gramatical e semântico-discursiva. Para melhor organizar a discussão desses resultados, primeiro é apresentada a análise da macroestrutura (seção 4.1) e, posteriormente, da microestrutura (seção 4.2).

##### **4.1 Análise da macroestrutura**

Para realizarmos a análise da macroestrutura do artigo de opinião *Fogo na floresta*, procedemos a identificação dos blocos de informação que o constituem, quais sejam: o Bloco I, correspondente ao título, e o Bloco II, compreendendo todo o restante do texto.



Cada um desses blocos, por sua vez, é constituído por porções de texto. Dessa forma, após a análise, chegamos à seguinte organização macroestrutural: Bloco I (porção 01 – título), Bloco II (porções 02-04), conforme apontado no Quadro 01.

<b>Bloco</b>	<b>Porção</b>	<b>Texto</b>	<b>Est. Ret.</b>
<b>I</b>	<b>01</b>	Fogo na Floresta	<b>Est. Ret.</b>
<b>II</b>	<b>02</b>	Foi uma longa entrevista, que ocupou uma página inteira do jornal Valor Econômico na segunda-feira, com direito a chamada na primeira página. Trata de assunto fundamental para as chances brasileiras de desenvolvimento sustentável, revela uma visão no mínimo controversa por parte do entrevistado e não produziu nenhuma repercussão no resto da imprensa. Trata-se da entrevista do senador Aldo Rebelo, do PCdoB, relator do projeto que altera o Código Florestal.	<b>Asserção/tese</b>



	03	<p>O senador tem que entregar seu relatório até o final de junho e algumas de suas recomendações deverão provocar muita preocupação entre os especialistas em preservação ambiental.</p> <p>Rebello não esconde seu preconceito contra as Organizações Não Governamentais dedicadas à defesa do ambiente.</p> <p>Fiel ao ideário de seu partido, considera que muitas delas são braços de interesses estrangeiros cujo objetivo seria impedir o crescimento da economia brasileira estrangulando a agricultura.</p> <p>Para o senador comunista, os esforços para limitar o avanço da fronteira agrícola em direção à Amazônia são parte do interesse estrangeiro contra o Brasil.</p> <p>Ele cita especificamente o Greenpeace e afirma que a organização está interessada em se apropriar dos bens dos brasileiros.</p> <p>A intenção do relator da proposta de mudança no Código Florestal, segundo declarou ao Valor Econômico, é “criar uma base de legislação que deixe o agricultor em paz”.</p> <p>Numa de suas mais polêmicas decisões, Aldo Rebello anuncia que irá propor a transferência para os Estados do poder de legislar sobre a questão ambiental.</p> <p>Sua tese pode ser considerada inconstitucional e perigosa do ponto de vista dos ambientalistas, uma vez que na maioria dos Estados onde as perdas florestais são grandes, como Santa Catarina, Rondônia e Mato Grosso, predominam forças políticas contrárias à preservação.</p> <p>Num momento em que o mundo busca soluções para mitigar os efeitos da devastação produzida nos seus recursos naturais durante as últimas décadas, o Congresso Nacional ameaça propor mudanças controversas na legislação de proteção ambiental.</p>	Evidências/argumentos
	04	<p>A posição adotada pelo senador Aldo Rebello merece mais atenção da imprensa, até porque ele afirma que dois dos principais candidatos à presidência da República, a ex-ministra Dilma Rousseff e o ex-governador José Serra, seriam favoráveis à sua proposta.</p> <p>No mínimo, a imprensa deveria ouvir as opiniões divergentes.</p>	Apelo

Quadro 01 – Organização macroestrutural do texto.



Conforme ilustra o Quadro, foram identificadas quatro grandes porções de informação. Cada porção, de 02 a 04, corresponde a uma parte da organização retórica do texto, de modo que a porção 02 corresponde à Asserção, em que é apresentada a tese do articulista – *Trata de assunto fundamental para as chances brasileiras de desenvolvimento sustentável, revela uma visão no mínimo controversa por parte do entrevistado* –, a porção 03 equivale às Evidências, ou seja, aos argumentos empregados em defesa da Tese, e a porção 04 compreende o Apelo, em que há a apresentação de uma possível solução e a incitação a realizá-la.

Para melhor visualizar a macroestrutura do texto e as relações que se estabelecem entre elas, apresentamos o esquema representado na Figura 01.

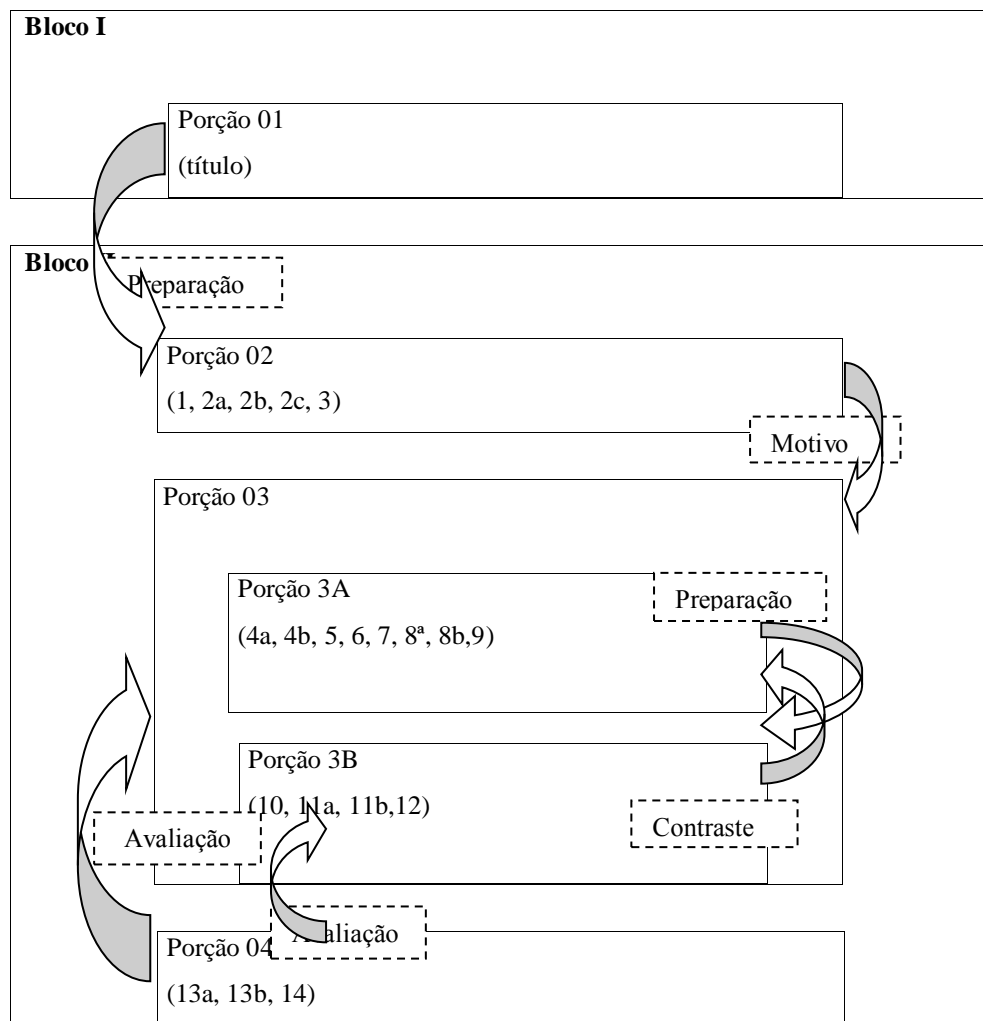


Figura 01 – Esquema da macroestrutura do texto.



O Bloco I, constituído de uma única porção – o título –, funciona como satélite do Bloco II, que, por sua vez, é o núcleo, a parte em que se concentra efetivamente o conteúdo do texto, e constitui-se das porções de 02 a 04. Entre as porções 01 e 02, a relação núcleo-satélite que se estabelece é a de preparação, tendo em vista que a porção 01 precede a porção 02 (UIs 1-3) no texto, objetivando fazer com que o leitor esteja mais preparado, interessado ou orientado a ler o que vem na sequência.

Na porção 02, o articulista contextualiza o objeto de discussão e apresenta sua opinião em relação a ele. Essa porção, de acordo com o preconizado por Mann e Thompson (1985) e Taboada e Mann (2006), apresenta uma relação multinuclear em relação à porção seguinte, evidenciando uma proposição relacional de motivo entre elas, já que a porção 03 contempla a apresentação de justificativas do porquê de o assunto ser *fundamental para as chances brasileiras de desenvolvimento sustentável* e revelar *uma visão no mínimo controversa por parte do entrevistado*.

A porção 03 subdivide-se em duas porções: 3A e 3B. Na porção 3A, são apresentadas mais informações sobre o tema discutido – as recomendações do relator do projeto do Novo Código Florestal Brasileiro – e sobre o próprio relator, o Deputado Aldo Rebelo, deixando clara a posição ideológica do Deputado, de modo que a proposição relacional evidenciada em relação à porção 3B é de preparação para o que será apresentado na sequência. Na porção 3B, por sua vez, o articulista contra-argumenta a proposta/declaração de Aldo Rebelo, estabelecendo, assim, uma proposição relacional de contraste em relação ao apresentado na porção 3A.

Por fim, a porção 04 do texto estabelece uma relação núcleo-satélite de avaliação não só com a porção 3B, mas também com todas as porções que a antecedem, avaliando a necessidade de uma maior atenção da imprensa ao assunto discutido.

Identificadas as partes que constituem a macroestrutura do texto, passamos a identificação e discussão das UIs que constituem sua microestrutura.

## 4.2 Análise da microestrutura

O texto Fogo na Floresta foi segmentado em 20 unidades de informação. Entre essas UIs, foram verificadas relações retóricas multinucleares e núcleo-satélites de elaboração (01),



seqüência (02), preparação (02), contraste (01), resumo (02), avaliação (01) e as predominantes de lista (06) e motivo (05). O Quadro 02 traz a descrição léxico-gramatical das UIs que o constituem e as relações retóricas estabelecidas entre elas.

Blocos	Porções	Nº oração ou complexo or.	Relação expressa pela conjunção	Notação compl. Orac.	UIs	Texto	Estr. retórica
I	01					FOGO NA FLORESTA	Estr. retórica
II	02 (01 > 02)	01		$\alpha=\beta$	1	///Foi uma longa entrevista,///que ocupou uma página inteira do jornal Valor Econômico na segunda-feira, com direito a chamada na primeira página./// Núcleo	
		02	e: adição	1	2a	///Trata de assunto fundamental para as chances brasileiras de desenvolvimento sustentável,	
				+2	2b	//revela uma visão no mínimo controversa por parte do entrevistado	
				+3	2c	//e não produziu nenhuma repercussão no resto da imprensa./// 2a-2c): lista	
	03		[[=]]	3	///Trata-se da entrevista do senador Aldo Rebelo, do PCdoB, relator do projeto [[que altera o Código Florestal]]./// Núcleo (2a-3)► 1 elaboração		
	03 (03 - 02) Porção 3A	04			1	4a	///O senador tem que entregar seu relatório até o final de junho
					+2	4b	//e algumas de suas recomendações deverão provocar muita preocupação entre os especialistas em preservação ambiental./// (4a-4b): seqüência Núcleo em relação a (5-8b)
		05				5	///Rebelo não esconde seu preconceito contra as Organizações Não Governamentais dedicadas à defesa do ambiente./// Núcleo em relação a (6-8b)
		06				6	///Fiel ao ideário de seu partido, considera//que muitas delas são braços de interesses estrangeiros [[cujo objetivo seria impedir o crescimento da economia brasileira//estrangulando a agricultura.]]/// Núcleo



II	03 (03 - 02)	Porção 3A	07		[[x]]	7	///Para o senador comunista, os esforços [[para limitar o avanço da fronteira agrícola em direção à Amazônia]] são parte do interesse estrangeiro contra o Brasil./// Núcleo	Evidências/argumentos			
			08	e: adição	1	8a	///Ele cita especificamente o Greenpeace				
					+2( $\alpha^{\beta}$ )	8b	///e afirma//que a organização está interessada em se apropriar dos bens dos brasileiros./// (8a-8b): sequência (6-8b): lista (6-8b): → 5 motivo (5-8b): → 4 motivo				
			09	segundo: conformidade	$\alpha << \quad \chi \gamma >>$ $\alpha[[+]]$	9	///A intenção do relator da proposta de mudança no Código Florestal, <b>segundo</b> declarou ao Valor Econômico, é [[“criar uma base de legislação que deixe o agricultor em paz”.]/// 9 → (4b-8a) resumo				
			Porção 3B	10		$\alpha^{\beta}[[+]]$	10		///Numa de suas mais polêmicas decisões, Aldo Rebelo anuncia//que irá propor a transferência para os Estados [[do poder de legislar sobre a questão ambiental]]./// Núcleo		
				11	uma vez que: causa	1	11a		///Sua tese pode ser considerada inconstitucional e perigosa do ponto de vista dos ambientalistas, //		
		x2				11b	// <b>uma vez que</b> na maioria dos Estados [[onde as perdas florestais são grandes, como Santa Catarina, Rondônia e Mato Grosso]], predominam forças políticas contrárias à preservação./// (11b → 11a) motivo				
		12		[[x[[x]] ]]	12	///Num momento [[em que o mundo busca soluções [[para mitigar os efeitos da devastação produzida nos seus recursos naturais durante as últimas décadas,]] ]] o Congresso Nacional ameaça propor mudanças controversas na legislação de proteção ambiental./// 12 → (11a-11b) resumo					
		04 (04 > 03)			13	até porque: causa, explicação	$\alpha$		13a	///A <i>posição adotada pelo senador Aldo Rebelo merece mais atenção da imprensa,</i>	conclusão/apelo
					x $\beta$ ( $\alpha^{\beta}$ )	13b	// <b>até porque</b> ele afirma//que dois dos principais candidatos à presidência da República, a ex-ministra Dilma Rousseff e o ex-governador José Serra, seriam favoráveis à sua proposta./// (13b → 13a) motivo				
					14				14	///No mínimo, a imprensa deveria ouvir as opiniões divergentes./// 14 → (13a-13b) avaliação	

Quadro 02 - Microestrutura do texto.



A porção 02 (1-3), correspondente à apresentação da tese, é organizada multinuclearmente por meio de uma sequência de orações paratáticas ligadas entre si por uma relação de lista em um complexo oracional e de uma oração com encaixamento. Ao empregar tal relação, o autor lista “implicações” da *longa entrevista* de Aldo Rebelo – ela *trata, revela e não produziu*. Juntas as UIs (2a-3) constituem uma relação de núcleo-satélite com a UI (1), pois elas apresentam a entrevista sob o ponto de vista do articulista, fazendo, assim, com que aumente o potencial de adesão do leitor ao posicionamento defendido no texto.

A tese (2a-2b) é aqui percebida, principalmente, pelo emprego de elementos avaliativos representados pelos Atributos *fundamental* e *controversa*, qualificando, respectivamente, os nomes *assunto* e *visão*. A propósito, ao empregar o Atributo negativo acompanhado do quantificador *no mínimo*, fica explícito o posicionamento contrário do articulista em relação à visão adotada por Aldo Rebelo.

Na porção 03, correspondente às evidências, são apresentados os argumentos para a defesa da tese. No primeiro segmento dessa porção, a porção 3A, há a relação multinuclear de sequência apresentando a UI (2b) como algo sucessivo – e conseqüente – à entrega do projeto, UI (4a). Em seguida, a UI (5) funciona como núcleo para as UIs satélites (6-8b), pois há, por meio de relações multinucleares de sequência (8a-8b) e lista (6-8a) a apresentação de justificativas para o *preconceito do Senador*, estabelecendo, assim, uma relação núcleo-satélite de motivo entre as UIs (6-8b) 5. A UI (9), por sua vez, estabelece uma relação núcleo-satélite de resumo em relação às UIs (4b-8a).

A relação de multinuclear de lista, com maior incidência no texto e também verificada na porção 3A, conforme aponta Correia (2011), é um recurso utilizado não apenas como uma enumeração de fatos – não necessariamente em ordem sucessiva –, mas está a serviço da argumentação, na medida em que o autor vai construindo seus argumentos.

Ao longo da porção 3A, o articulista utiliza-se em duas situações de orações projetadas, representando em (6) o pensamento e, em (8b), o dizer de Rebelo. Além disso, em outras duas situações – UIs (7) e (9) –, o articulista – a voz autoral – utiliza-se de circunstâncias de ângulo e de orações encaixadas para expor o dizer de Aldo Rebelo. Ou seja, a voz autoral de certa forma se afasta do texto e põe em cena a voz não autoral do Deputado. Ao fazê-lo, o autor aumenta a





credibilidade de seu texto, pois traz a própria “fonte” e, ao mesmo tempo, isenta-se, já que coloca as informações na voz de outrem.

Na porção 3B, a UI (10) exerce a função de núcleo para o conteúdo que segue. A relação de motivo estabelecida entre as UIs (11a) e (11b), além de retomar e expressar o porquê de as *decisões de Rebelo* serem *polêmicas*, corrobora a opinião do articulista, pois, ao expor a causa de *a tese* de Aldo Rebelo poder *ser considerada inconstitucional e perigosa*, também justificativa a avaliação da visão do deputado como *controversa*, o que é reiterado na UI seguinte (12).

Na porção 04, a última do texto, uma relação núcleo-satélite expressa o Apelo e avaliação do articulista em relação à imprensa, evidenciados em (13a) e justificados em (13b), constituindo, entre as duas UIs, uma relação retórica de motivo. Em seguida, por meio de uma modulação – *a imprensa deveria ouvir* – reforçada por uma intensificação – *No mínimo* –, a UI (14) ratifica o Apelo e a avaliação do autor do texto.

Com a identificação dessas relações retóricas expressas por elementos léxico-gramaticais e semântico-discursivos, verificou-se como o texto se organiza e progride para atingir seu objetivo de expor e defender um ponto de vista.

### Considerações finais

A adoção e análise conjunta de categorias advindas da Teoria da Estrutura Retórica – RST (Mann; Thompson, 1985; Taboada; Mann, 2006), da Gramática Sistemico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2004, 2014) e da Avaliatividade (Martin; White, 2005) permitiu que fossem verificadas a Estrutura Retórica do artigo de opinião em análise e as evidências linguísticas que a verbalizam e concretizam o propósito argumentativo dos textos.

Partindo da identificação dos blocos de informação e das porções que constituem a macroestrutura do texto e, posteriormente, passando à identificação e análise das unidades de informação (UIs) que constituem a microestrutura do texto, bem como das relações retóricas que se estabelecem entre elas, a análise evidenciou que, macroestruturalmente, o texto é constituído pelo Bloco I, o título, que funciona como satélite do Bloco II, correspondente ao núcleo. O Bloco II constitui-se das porções de 02 a 04, em que a porção 02 equivale à *Asserção*, com a



apresentação da tese do articulista; a porção 03, às *Evidências*, aos argumentos; a porção 04, ao *Apelo*, à apresentação de uma possível solução e a incitação a realizá-la.

Essas porções, na análise da microestrutura, foram segmentadas em 20 unidades de informação, entre as quais foram verificadas relações retóricas multinucleares e núcleo-satélites de lista (06), motivo (05), sequência (02), preparação (02), contraste (01), resumo (02), avaliação (01) e elaboração (01). Léxico-gramaticalmente, verificou-se o emprego de orações paratáticas, encaixadas, e de orações projetadas ou de circunstâncias para trazer vozes não autorais ao texto, além de elementos avaliativos, como Atributos, modulações e metáforas interpessoais. Por fim, semântico-discursivamente, verificou-se a ocorrência de apreciações e julgamentos negativos de tenacidade.

Em resumo, com a identificação de quatro grandes porções de informação, a estrutura persuasiva *Motivação [Asserção ^ Evidência] ^ Apelo*, proposta por Mann e Thompson (1985), confirmou-se no artigo de opinião analisado.

## Referências

- COSTA, L. M. **Fogo na floresta**. In: *Imprensa em questão – Imprensa e Ambiente*. Observatório da Imprensa, edição 590 de 18/05/2010.
- HALLIDAY, M. Part I. In: HALLIDAY, M.A.K & HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Arnold, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4 ed. New York: Routledge, 2014.
- KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- LÁZARO DA SILVA, J. C. **A Reforma do Código Florestal do Brasil**. 2012. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/brasil/a-reforma-codigo-florestal->



brasil.htm#\_methods=onPlusOne%2C\_ready%2C\_close%2C\_open%2C\_resizeMe%2C\_render  
start%2C\_concircled%2C\_onauthid=I1\_1356652210727eparent=http%3A%2F%2Fwww.brasile  
cola.com Acesso em: 10 dez 2012.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. **Assertions from discourse structure**. California: University of Southern California, 1985, 14 p. (ISI/RS- 85-155).

\_\_\_\_\_. **Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization**. *Text*, v. 8, n.3, 1988, p. 243-281.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave, 2005.

TABOADA, M.; MANN, W.C. Rhetorical Structure Theory: Looking Back and Moving Ahead. *Discourse Studies* 8(3): 423-459, 2006.

VASCONCELOS, C.C **De olho nos observatórios: um estudo comparativo das críticas de mídia do Observatório da Imprensa e do Canal da Imprensa**. Rio de Janeiro: UES, 2005. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social), Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2005.

WHITE, P. Valoração: A linguagem da avaliação e da perspectiva. In: **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v.4, n.esp, p. 178-205, 2004.

WEBSTER, J. J. An Introduction to *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. J. **Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics**. London: Continuum Companion, 2009, p. 1-11.

